

Esquemas presentes em jovens aprendizes e a relação com comportamentos inadequados no ambiente de trabalho

¹João Gabriel Lopes

²Renan Lopes Cipriano

³Ian Carlos Hübner

Resumo: A lei da aprendizagem foi uma importante ferramenta para conter o avanço do trabalho infantil e o abandono escolar, proporcionando um trabalho com direitos garantidos. Todavia, durante este processo, alguns jovens são desligados por comportamentos que são considerados inadequados no ambiente de trabalho. A terapia dos esquemas teoriza que os comportamentos desadaptativos, ou aqui tratados como comportamentos inadequados, são respostas de esquemas desadaptativos. O presente estudo objetiva verificar os possíveis esquemas cognitivos de jovens aprendizes a partir dos comportamentos inadequados, que geraram motivos para o desligamento antecipado do programa de aprendizagem, utilizando a perspectiva da Teoria dos Esquemas de Jeffrey Young. O delineamento foi quantitativo-qualitativo, por meio de uma pesquisa documental de cunho exploratório, onde foram analisados arquivos privados que continham 48 laudos de desligamento de uma Instituição Qualificadora de Jovens Aprendizes. Os dados obtidos sobre o motivo de desligamento foram separados em 4 categorias: faltas e atrasos injustificados, indisciplina em relação às normas e regras da empresa, baixo desempenho e falta de atenção e organização. Os resultados encontrados indicam uma relação maior nos esquemas do domínio de Limites Prejudicados, especificamente de autocontrole e autodisciplina insuficientes e também com os esquemas dos domínios de Autonomia e Desempenho Prejudicado e Desconexão/rejeição. Conclui-se que, os objetivos da pesquisa foram alcançados, haja visto as limitações de estudos nessa área. Não existem estudos mostrando a relação de comportamentos inadequados em jovens aprendizes e esquemas. Adicionalmente, os estudos isolados sobre esquemas em adolescentes ou jovens aprendizes se mostram escassos. Deste modo, encorajam-se estudos de campo que possam ampliar as discussões sobre o tema.

Palavras-chave: Jovem Aprendiz, Terapia do Esquema, Comportamentos Inadequados.

Schemes present in young apprentices and a relationship with inappropriate behavior in the workplace

Abstract: The apprenticeship law was an important tool to contain the advance of child labor and school dropout, providing work with guaranteed rights. However, during this process, some young people are dismissed for behaviors that are considered inappropriate in the work environment. Schema therapy theorizes that maladaptive behaviors, or here treated as inappropriate behaviors, are schema maladaptive responses. This study aims to verify the possible cognitive schemes of young learners from inappropriate behaviors, which generated

¹ Graduando em Psicologia pela Universidade Sociedade Educacional de Santa Catarina – UniSOCIESC.

² Graduando em Psicologia pela Universidade Sociedade Educacional de Santa Catarina – UniSOCIESC.

³ Professor Mestre do curso de Psicologia da UniSOCIESC.

reasons for early termination of the learning program, using the perspective of Jeffrey Young's Theory of Schemes. The design was quantitative-qualitative, through a documentary research of exploratory nature, where private files containing 48 reports of dismissal from a Qualifying Institution for Young Apprentices were analyzed. The data obtained on the reason for dismissal were separated into 4 categories: unjustified absences and delays, indiscipline in relation to company norms and rules, poor performance and lack of attention and organization. The results found indicate a greater relationship in the schemes of the Impaired Limits domain, specifically of insufficient self-control and self-discipline, and also with the schemes of the Autonomy and Impaired Performance and Disconnection/rejection domains. It is concluded that the research objectives were achieved, considering the limitations of studies in this area. There are no studies showing the relationship of inappropriate behaviors in young learners and schemes. Additionally, isolated studies on schemes in adolescents or young apprentices are scarce. In this way, field studies that can expand discussions on the subject are encouraged.

Keywords: Young Apprentice, Schema Therapy, Inappropriate Behaviors.

INTRODUÇÃO

A lei da aprendizagem, criada em 2000, e já pensada a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (SINAIT, 2019), foi uma importante ferramenta para conter o avanço do trabalho infantil e o abandono escolar, proporcionando oportunidade para que o adolescente pudesse ingressar no mercado de trabalho tendo todos os seus direitos garantidos. A partir de então todas as empresas com 7 funcionários ou mais, submetidas ao regime da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), precisam conter jovens aprendizes em seu quadro de funcionários (SINAIT, 2019).

Nos seus mais de 20 anos de criação, a lei 10.097/2000, já beneficiou diversos jovens a conseguirem seu primeiro emprego dando seus primeiros passos na carreira profissional. Antes, muitos jovens para poderem auxiliar suas famílias contavam apenas com o trabalho informal, hoje, adolescentes a partir dos 14 anos já podem conseguir um emprego registrado em carteira sob o regime CLT, com todos os seus direitos garantidos e sem que isso acarrete evasão escolar, pois caso não tenha concluído o Ensino Médio, o jovem precisa estar frequentando a escola para ser admitido e mantido no programa (SINAIT, 2019).

De acordo com a Lei da Aprendizagem, regulamentada pelo Decreto nº 5598/2005 (BRASIL, 2005), o programa de aprendizagem consiste em uma formação técnico-profissional com a realização de atividades compatíveis com a vida escolar e com o desenvolvimento físico, psicológico e moral do aprendiz. No programa de aprendizagem, o jovem assina um contrato com a empresa, onde realiza sua carga horária prática e com uma instituição qualificadora que é responsável pela carga horária teórica e que também irá gerir esse contrato, auxiliando o jovem no processo de aprendizagem (AMAZARRAY *et al.*, 2009). Cabe a instituição

qualificadora tomar algumas ações, quando, de alguma forma, esse contrato está sendo negligenciado, seja pela empresa, ou pelo jovem.

Durante o percurso do jovem aprendiz, a orientação e acompanhamento se faz importante durante a aprendizagem prática dentro da empresa pois, segundo Asmus *et al.* (2005), é fundamental que adolescentes maiores de 14 anos tenham uma supervisão das tarefas desempenhadas, pois além de prevenir riscos à saúde, é preciso garantir uma formação técnico-profissional para a construção crítica nos jovens acerca do seu papel como trabalhador.

Diferente dos contratos de trabalho normais da CLT, para a rescisão contratual de um jovem aprendiz precisa passar por alguns tramites diferenciados. De acordo com o Manual da Aprendizagem (SINAIT, 2019) o contrato do jovem aprendiz, pode ser rescindido antecipadamente, dentre outras situações, “quando houver desempenho insuficiente ou inadaptação do aprendiz, que devem ser comprovados mediante laudo de avaliação elaborado pela entidade executora da aprendizagem” (SINAIT, 2019, p. 50), ou seja, existe dentro do programa de aprendizagem um processo de acompanhamento de jovens que estão passíveis de rescisão contratual por comportamentos inadequados, como: faltas injustificadas, atividades não realizadas e/ou atividades realizadas de formas erradas, não cumprimento de normas internas e o não cumprimento de carga horária. O processo de acompanhamento tem como objetivo advertir o jovem a respeito de suas práticas inadequadas, bem como promover soluções para que o jovem possa continuar no programa, porém constatando a não melhora no comportamento, a instituição qualificadora, tem autoridade de emitir um laudo permitindo então a rescisão contratual e demissão do jovem.

Na literatura, não se encontra artigos que falem sobre os comportamentos inadequados no ambiente de trabalho, é um tema pouco pesquisado no meio acadêmico, ainda se falando sobre jovens aprendizes. Essa temática está mais associada ao dia-a-dia de empresas que precisam recorrer às instituições qualificadoras para a correção de tais comportamentos ou às questões burocráticas para o desligamento.

A terapia dos esquemas teoriza que os comportamentos desadaptativos, ou aqui tratados como comportamentos inadequados, são respostas de esquemas desadaptativos. Esquemas são padrões que o indivíduo desenvolve a partir de sua realidade, que o ajudam a guiar suas respostas (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Além disso, o comportamento inadequado pode se tornar um perpetuador dos esquemas, ou seja, fazendo com que o indivíduo permaneça nesse ciclo vicioso.

Jovens aprendizes, como qualquer indivíduo, possuem esquemas desadaptativos em desenvolvimento e, concomitantemente, comportamentos desadaptativos. Esses

comportamentos, por sua vez, sendo respostas aos esquemas podem ser expressos também no ambiente de trabalho, a partir de situações que ativem os esquemas subjacentes. Para Young, Klosko e Weishaar (2008, p.45) “a ativação de um esquema é uma ameaça - a frustração de uma necessidade emocional fundamental e as emoções concomitantes - à qual o indivíduo responde com um estilo de enfrentamento”, sendo analisado aqui, os comportamentos inadequados.

TERAPIA DO ESQUEMA

A terapia cognitiva desenvolvida por Aaron T. Beck no início da década de 60 surgiu como uma psicoterapia breve, utilizada no tratamento de pacientes depressivos, orientada para problemas do presente. Ao longo do tempo, foi adaptado para outros transtornos de humor, como transtornos de ansiedade, destacando-se, em virtude da aplicabilidade da terapia e sua eficácia no tratamento (BARBOSA; TERROSO; ARGIMON, 2014).

Posteriormente, na década de 90, surge uma abordagem integrativa que expande a terapia cognitiva-comportamental tradicional: a Terapia focada no esquema, de Jeffrey Young. Essa nova abordagem utiliza de várias contribuições advindas da Gestalt, Psicanálise e do Construtivismo e assim criando um novo sistema de psicoterapia (CALLEGARO, 2005).

A palavra esquema é usada em vários campos de estudo: geometria, filosofia, matemática, etc. Na psicologia, mais amplamente na área do desenvolvimento cognitivo, “um esquema é um padrão imposto à realidade ou à experiência para ajudar os indivíduos a explicá-la, para mediar a percepção e para guiar suas respostas” (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 22). Na terapia cognitiva, Aaron T. Beck, nos seus primeiros trabalhos, referiu-se a esquemas como qualquer princípio organizativo que ajude o sujeito a entender sua própria experiência de vida (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Alguns esquemas que se desenvolveram de experiências nocivas, principalmente na infância, podem estar no centro de transtornos de personalidade e problemas caracterológicos mais leves (YOUNG; KLOSKO; WEISGHAAR, 2008). Na definição dos autores, esquemas desadaptativos remotos são:

Um tema ou padrão amplo, difuso; formado por memórias, emoções e sensações corporais; relacionado a si próprio ou aos relacionamentos com outras pessoas; desenvolvido durante a infância ou adolescência; elaborado ao longo da vida do indivíduo; disfuncional em nível significativo (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008, p. 22).

Os esquemas (será usada essa expressão ao invés de esquemas desadaptativos remotos) podem ser desenvolvidos através da dinâmica entre alguns fatores. Wainer *et al.* (2016) ao explanar sobre a terapia dos esquemas, baseado nos pressupostos de Young, exemplifica a dinâmica entre a base filogenética herdada e as heranças ontogenéticas no desenvolvimento dos esquemas. Os esquemas são frutos da interação da: a) influência dos cuidadores: ou seja, as atitudes dos cuidadores frente a criança, como a forma de demonstrar afeto, de falar, de brincar, elogiar frente ao cumprimento de regras, etc; b) experiências sistemáticas com as figuras de afeto da infância; c) necessidades emocionais básicas: é a quantidade ideal de necessidades emocionais básicas requeridas pelo sujeito ao longo dos períodos do desenvolvimento, como necessidade de empatia, estabilidade, segurança e cuidado, por exemplo (WAINER *et al.*, 2016).

São 19 esquemas desadaptativos identificados pela terapia do esquema, agrupados em 5 domínios esquemáticos (DEs) (Tabela 1), que correspondem as necessidades emocionais básicas não satisfeitas (WAINER *et al.*, 2016).

Estes períodos são chamados de domínios esquemáticos (DEs), ou, apenas domínios, quando se refere a terapia dos esquemas (WAINER *et al.*, 2016). Os DEs são períodos entre a infância e adolescência, “nos quais se espera que algumas demandas psicológicas sejam supridas pelos cuidadores e pelo ambiente, para que a criança desenvolva esquemas mentais básicos (esquemas iniciais) saudáveis” (WAINER *et al.*, 2016, p. 25). Estas “demandas psicológicas” referem-se as cinco necessidades emocionais básicas fundamentais, chamadas de domínios esquemáticos. Quando algumas destas necessidades não são supridas minimamente nos relacionamentos afetivos, ocorrerá a geração dos esquemas, respectivos ao domínio em questão (WAINER *et al.*, 2016). A tabela 1 correlaciona a tipologia de famílias que tendem a gerar problemas com os domínios:

TABELA 1

Tipos de famílias geradoras de problemas para cada domínio esquemático

Domínio esquemático desadaptativos	Famílias típicas
1 ^a : Desconexão e rejeição	Geralmente fria, rejeitadora, isoladora, imprevisível e/ou abusadora.
2 ^a : Autonomia e desempenho prejudicados	Costuma ser superprotetora, emaranhada e destruidora da confiança da criança.
3 ^a : Limites prejudicados	Caracterizada pela permissividade e falta de orientação à criança quanto ao que é certo e errado.

4ª: Orientação para o outro	A família tem relacionamento com a criança e/ou adolescente baseado na aceitação condicional, de modo que devem suprimir aspectos importantes de si próprios para obter amor, aceitação social ou status.
5ª: Supervigilância e inibição	A família geralmente é punitiva, perfeccionista e tende a evitar os “erros” decorrentes de atividades prazerosas. Há uma preocupação de que as coisas darão errado se houver falha na vigilância.

Fonte: Adaptado de Wainer *et al.* (2016).

O primeiro domínio, *desconexão e rejeição*, é caracterizado por pessoas que acreditam que suas necessidades básicas de empatia, estabilidade, segurança, cuidado e proteção não serão atendidas. Os esquemas deste domínio são *abandono/instabilidade, desconfiança e abuso, privação emocional, defectividade/vergonha e isolamento social/alienação* (PRESSI; FALCKE, 2016; YOUNG, 2003; WAINER *et al.*, 2016).

O segundo domínio, *autonomia e desempenho prejudicados*, é caracterizado por pessoas que se sentem incapazes de viver de forma independente e funcional. Os esquemas deste domínio são *dependência/incompetência, vulnerabilidade (em todos os âmbitos possíveis), emaranhamento, fracasso* (PRESSI; FALCKE, 2016; YOUNG, 2003; WAINER *et al.*, 2016).

O terceiro domínio, *limites prejudicados*, é caracterizado por pessoas com o não desenvolvimento de limites internos, responsabilidade com os outros, cumprir metas e compromissos assumidos pessoalmente. Os esquemas deste domínio são *merecimento/grandiosidade, autocontrole e autodisciplina insuficientes* (PRESSI; FALCKE, 2016; YOUNG, 2003; WAINER *et al.*, 2016).

O quarto domínio, *orientação para o outro*, é caracterizado por pessoas excessivamente preocupadas com as necessidades alheias, ao invés das próprias. Os esquemas deste domínio são *subjugação, autossacrifício, busca de aprovação/busca de reconhecimento* (PRESSI; FALCKE, 2016; YOUNG, 2003; WAINER *et al.*, 2016).

O quinto domínio, *supervigilância e inibição*, é caracterizado por pessoas com dificuldades em serem espontâneos, ou seja, com excessiva supressão dos sentimentos, impulsos e escolhas pessoais. Costumam ser pessoas com esforço em cumprir regras rígidas e inflexíveis quanto ao desempenho pessoal. Os esquemas deste domínio são *negativismo/pessimismo, inibição emocional, padrões inflexíveis/postura crítica exagerada e postura punitiva* (PRESSI; FALCKE, 2016; YOUNG, 2003; WAINER *et al.*, 2016).

Tendo como base o conceito de EID e DE, é importante enfatizar que cada pessoa vai desenvolver formas de lidar com seus esquemas, formas estas que não possibilitem elas vivenciarem novamente o conteúdo intenso sempre que os esquemas forem ativados (WAINER *et al.*, 2016). Essas formas de enfrentamento podem intensificar ainda mais o sofrimento decorrente do esquema ativado, pois as estratégias podem não ser saudáveis e funcionais (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Como os esquemas são estruturas autoperpetuadoras, são necessários mecanismos que mantenham essa “verdade”, dificultando a possibilidade de mudanças (WAINER; PICCOLOTO, 2008). Segundo os autores, Young propõe o que denominou de processos esquemáticos (PEs), sendo elas ações internas e externas responsáveis por perpetuar os esquemas sendo parte integradora dos estilos de enfrentamento. São três os PEs: manutenção, evitação e hipercompensação. Os indivíduos podem utilizar os três diferentes PEs dependendo do contexto, embora Young (2003) tenha indicado que exista uma tendência ao uso de um específico.

Estes processos vão sendo desenvolvidos ao longo da infância com o objetivo de possibilitar uma boa adaptação com o ambiente, mas ao longo do tempo, acabam por se tornar desadaptativos ao serem peças fundamentais para reforçar esquemas desadaptativos (WAINER; PICCOLOTO, 2008).

O processo de manutenção esquemática refere-se a comportamentos e cognições desadaptativos que reforçam ainda mais o esquema (WAINER; PICCOLOTO, 2008). Ou seja, as pessoas nesse processo de manutenção agem de forma a consentir com o esquema, aceitando que é verdadeiro, sentindo diretamente o sofrimento emocional do esquema (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

O processo de evitação esquemática, em contrapartida, age de forma a evitar conteúdos que possam ativar os esquemas. O objetivo é evitar um contato direto com o esquema, visto que enfrentar o esquema geraria intensidade emocional, acarretando em sofrimento (WAINER *et al.*, 2016).

E, por último, o processo de hipercompensação esquemática seria uma forma de lutar contra o esquema, dando origem a comportamentos e cognições opostos do que seria esperado por tal esquema (WAINER; PICCOLOTO, 2008).

A realização desse trabalho, se faz necessário como início de discussões sobre a temática. Pouco se tem na literatura, análises dos comportamentos inadequados no ambiente de trabalho da população em geral e muito menos se tratando de jovens trabalhadores. Existe um processo desgastante, tanto para a empresa, como para o jovem quando se é tomado a decisão

da demissão, e promovendo a discussão sobre os comportamentos inadequados se possibilita o avanço em políticas para minimização da porcentagem de desligamentos. A partir da afinidade dos autores sobre a Terapia Cognitiva Comportamental e sua contextual Terapia do Esquema, a relação entre os comportamentos inadequados de jovens aprendizes no ambiente de trabalho e a Terapia do Esquema é principiante na literatura.

O presente trabalho tem como objetivo geral verificar os possíveis esquemas cognitivos de jovens aprendizes a partir dos comportamentos inadequados, que geraram motivos para o desligamento antecipado do programa de aprendizagem. Se tem como hipóteses a presença de comportamentos característicos que podem ser estilos de enfrentamentos para diversos esquemas cognitivos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa documental de cunho exploratório. A pesquisa documental é um tipo de pesquisa que utiliza de materiais que não receberam um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com o objetivo de cada pesquisa (GIL, 2004).

Os materiais pesquisados para esta pesquisa foram materiais primários, ou seja, que não receberam qualquer tratamento analítico (GERHARDT e SILVEIRA, 2009). Os dados foram documentos privados, oriundos de uma instituição privada.

Amostra

Os dados analisados neste estudo são arquivos privados, que foram disponibilizados pelo setor de acompanhamento de uma Instituição Qualificadora de Jovens Aprendizes da cidade de Joinville, sem a identificação dos jovens. Foram fornecidos laudos e advertências de jovens participantes do Programa de Aprendizagem, que foram desligados por inadaptação ou desempenho insuficiente, ou seja, foram demitidos por “justa causa”. Foram coletadas informações de jovens desligados no período de 2018, 2019 e 2020, sendo somente jovens da cidade de Joinville. Os documentos nunca foram sujeitos a nenhum tipo de estudo, por isso, tratam-se de materiais primários.

Procedimento para coleta de dados

Por meio da autorização da Instituição, os responsáveis pelos laudos deram acesso para os pesquisadores as informações como sexo, data do nascimento, idade, função, motivo do desligamento e data do desligamento.

Procedimento de análise de dados

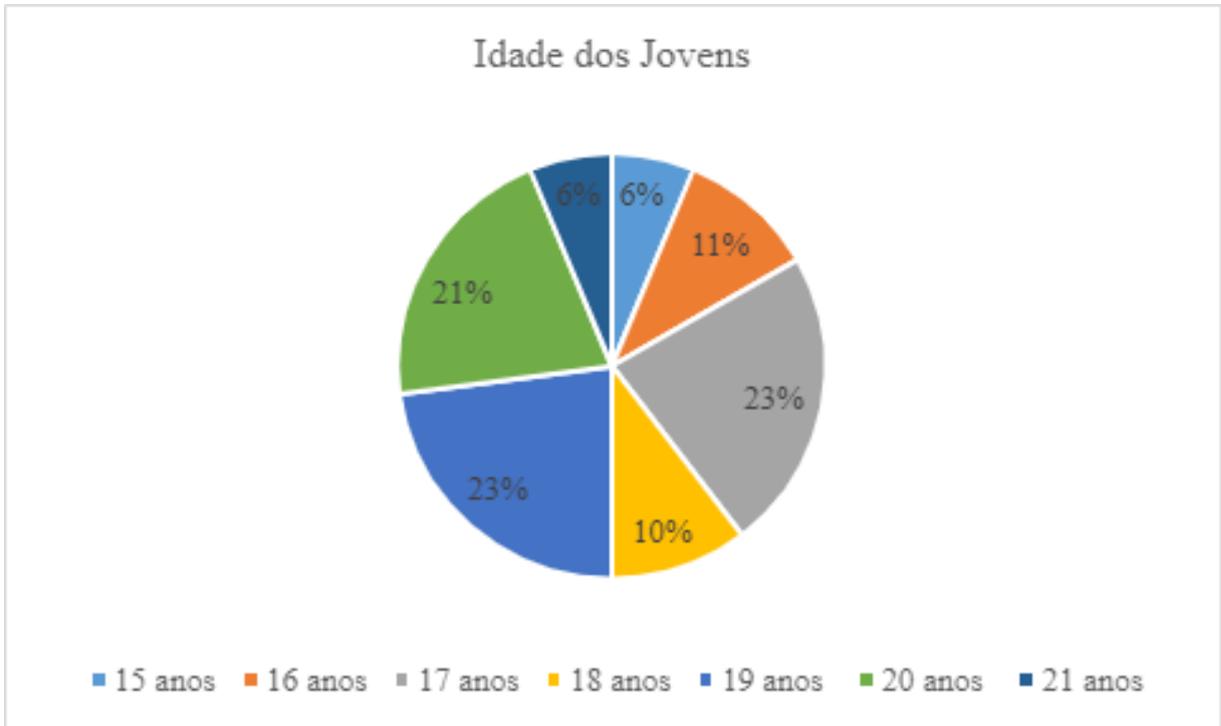
Os dados foram digitados e armazenados numa planilha, utilizando o programa Microsoft Office Excel 2016 e analisados de forma qualitativa e quantitativamente, utilizando técnicas estatísticas descritivas para a apresentação dos dados.

Os motivos de desligamento contidos em cada laudo foram organizados em colunas, sendo que haviam jovens que tinha mais de um motivo para desligamento. Para melhor análise dos dados, foram criadas 4 categorias: Faltas e atrasos injustificados, indisciplina em relação às normas e regras da empresa, baixo desempenho (falta de interesse, responsabilidade, comprometimento e iniciativa) e falta de atenção e organização. Os dados foram assim catalogados após a coleta de dados agrupando-os a partir de motivos semelhantes. Com estes dados, foi realizado um estudo com base na teoria da terapia dos esquemas de Jeffrey Young, com o objetivo de compreender os comportamentos inadequados sob a ótica desta teoria.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Foram registrados ao todo 48 jovens desligados do programa de aprendizagem no período de 2018, 2019 e 2020, dos quais, 24 são indivíduos do sexo masculino e 24 do sexo feminino, o que representa um equilíbrio entre os sexos. As idades variam de 15 à 21 anos sendo 11 indivíduos de 17 anos, o que representa 22,92% do total, e a mesma porcentagem para indivíduos de 19 anos. Indivíduos de 20 anos somaram 10, representando 20,83% do total. Os Jovens de 16 e 18 anos somaram 5 indivíduos cada, representando 10,42% cada, e jovens com 15 e 21 anos, somaram 3 jovens cada com 6,25% do total de jovens, conforme gráfico 1 abaixo.

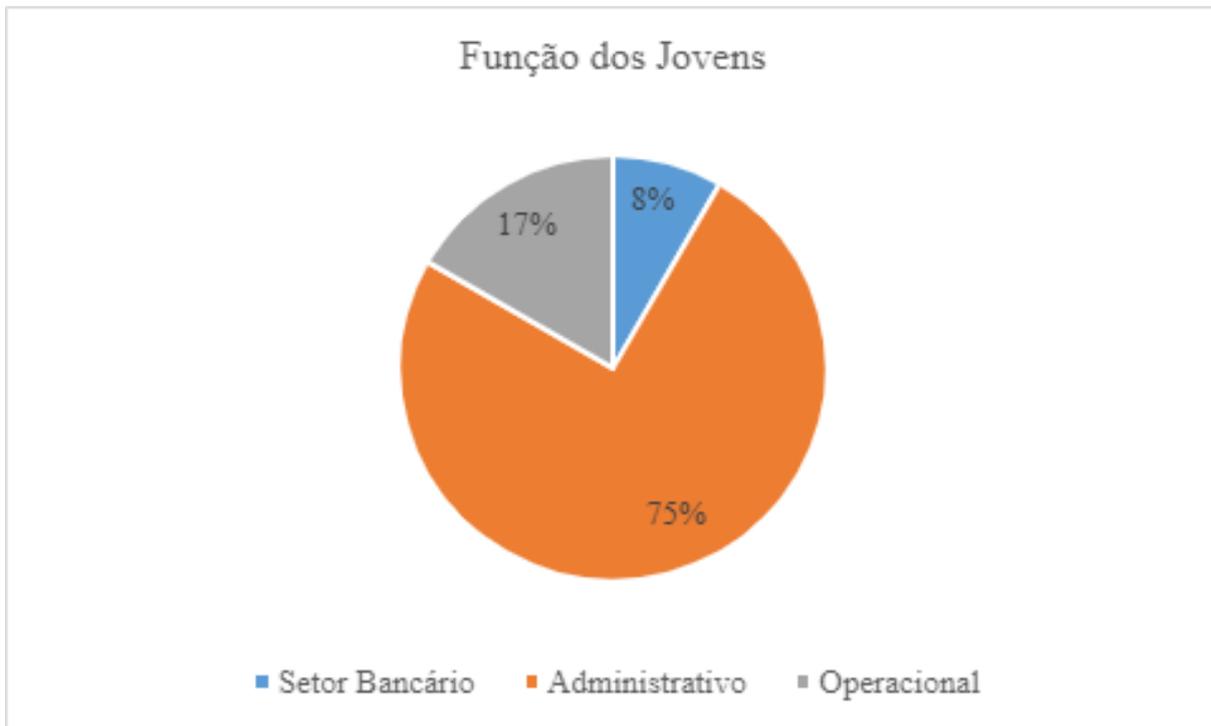
Gráfico 1: Idade dos Jovens



Fonte: Fonte primária

Outra informação levantada foi a função exercida pelos jovens na aprendizagem prática, ou seja, as atividades realizadas dentro da empresa. Foram verificadas 3 áreas principais: administrativo, que reúne as funções de auxiliar administrativo, auxiliar de escritório e recepção; operacional, que engloba as funções de apontador de mão de obra, almoxarife, auxiliar de produção e limpeza; e jovens que trabalham no setor bancário. Os resultados (gráfico 2) foram 75% de jovens que foram desligados nesse período trabalhavam no setor administrativo, ou seja, 36 dos 48 jovens. 8 jovens trabalhavam em setor operacional representando 16,67% do total e apenas 4 jovens dos 48 desligados, trabalhavam em instituições bancárias, o que corresponde à 8,33% da amostra.

Gráfico 2: Função dos Jovens



Fonte: Fonte primária

Por fim foi verificado os motivos que levaram os jovens ao desligamento antecipado do programa de aprendizagem. Foram analisados cada advertência e laudo e constatado motivos comportamentais para o desligamento. Nesse caso muitos dos jovens tiveram mais do que um tipo de comportamento inadequado no ambiente de trabalho, por esse motivo a soma dos números de jovens para cada categoria de comportamento é maior do que o número total de jovens desligados.

Para melhor análise, os comportamentos registrados foram categorizados em 4 grupos de comportamentos, são estes: Faltas e atrasos injustificados, indisciplina em relação às normas e regras da empresa, baixo desempenho (falta de interesse, responsabilidade, comprometimento e iniciativa) e falta de atenção e organização.

Faltas e atrasos injustificados foram os comportamentos mais presentes nos jovens desligados. Dos 48 jovens, 28 tiveram como um dos motivos de desligamento faltas e atrasos sem justificativa, o que representa mais de 58% dos jovens, dos quais 50% tiveram como único motivo faltas e atrasos injustificados. Os comportamentos aqui nomeados como baixo desempenho, como falta de interesse, comprometimento, responsabilidade e iniciativa; foram verificados em 25 jovens o que representa mais de 52% dos jovens com esse motivo de desligamento em seus registros. Destes, apenas 7 jovens tiveram como único motivo de desligamento o baixo desempenho ou suas variantes. Jovens que apresentaram indisciplina em

relação as normas e regras da empresa, foram 10, o que corresponde a 20% dos jovens desligados, e metade destes não apresentaram outro motivo para o desligamento. Por fim os jovens que apresentaram falta de atenção ou falta de organização nas rotinas de tarefas, somaram 9, correspondendo à 18% do total da amostra. Destes jovens todos apresentaram algum outro motivo para além da falta de atenção e organização, que influenciaram na decisão da empresa para a demissão. A tabela a seguir, sintetiza tais informações.

Tabela 2: Motivo do Desligamento

MOTIVO DO DESLIGAMENTO		
Motivo	Número de Jovens	Frequência (%)
Faltas e atrasos injustificados	28	58
Indisciplina em relação as normas e regras da empresa	10	20
Baixo desempenho	25	52
Falta de atenção e organização	9	18

Fonte: Fonte primária

Os dados que foram disponibilizados pela instituição qualificadora, foram singulares, por razão da não divulgação de dados particulares de jovens. Por esse motivo muitos dos comportamentos individuais e específicos, não foram cedidos aos pesquisadores. Para possibilitar a análise dos dados, foram criadas 4 categorias de comportamentos que se coincidiram, nos relatos verificados nos documentos. As nomenclaturas são as mesmas usadas nos documentos, e serão discutidos possíveis esquemas desadaptativos que influenciam os determinados comportamentos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir dos dados levantados, e levando em conta o processo que é gerado até o desligamento, é possível afirmar que os comportamentos descritos são recorrentes, não sendo manifestos apenas uma única vez, mas diversas vezes, levando a aplicação de advertências e por fim, a demissão.

De acordo com a Terapia Cognitivo Comportamental os comportamentos são um reflexo da forma como os indivíduos percebem e interpretam os estímulos à sua volta. A partir

dessa mediação cognitiva, respostas comportamentais são emitidas pelo sujeito como forma de adaptação dos indivíduos ao seu contexto. Sendo desadaptativo a forma como os esquemas foram formados, é possível pressupor que os comportamentos emitidos sejam disfuncionais e gerem consequências, dificultando a adaptação dos sujeitos (RANGÉ *et al.*, 2011). Young, Klosko e Weishaar (2008) afirmam que o papel dos comportamentos disfuncionais é de mantenedores dos esquemas, ou seja, ao invés de curá-los, eles o mantem como um ciclo vicioso, alimentando os esquemas, como estratégias aprendidas com a finalidade de adaptação ao ambiente a partir da percepção proporcionada pelo esquema. Esses comportamentos se repetem como indicativo de que em algum momento da vida esse tipo de enfrentamento foi bem sucedido frente alguma situação conflituosa ou de forte desconforto emocional, essas respostas são então reforçadas negativamente, aumentando a probabilidade de recorrência (NETO; BADARÓ, 2019).

A partir dos comportamentos registrados em laudos e advertências, analisados nesse trabalho, se fará a discussão dos possíveis esquemas cognitivos presentes nesses jovens aprendizes interferindo na forma como reagem aos diversos estímulos através de estilos de enfrentamentos. Foram separadas 4 categorias de comportamentos e discutidos de forma individual.

FALTAS E ATRASOS INJUSTIFICADOS

Os jovens que foram desligados por faltas e atrasos injustificados representam 58 % da amostra, ou seja, 28 jovens. O dado aponta que mais da metade dos jovens foram desligados por tais motivos, abrindo margem para explorar alguns esquemas relacionados.

No domínio esquemático de *limites prejudicados*, os indivíduos não desenvolveram limites internos apropriados para lidar com a reciprocidade, respeito aos direitos de terceiros e autodisciplina para se comprometer com compromissos e metas a longo prazo (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2009; WAINER *et al.*, 2016).

A prática de educação típica, que resultou neste domínio, são de pais que tornaram as crianças dependentes deles, tomando decisões, responsabilidades e tarefas para si, exigindo pouco delas (LOPES; LEITE; PRADO, 2011). Também é caracterizado por pais com limites fracos, que impedem os filhos de experimentar as consequências negativas de suas irresponsabilidades, ou seja, os filhos não se dão conta das consequências de seus atos (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Com relação ao esquema de *autocontrole e autodisciplina insuficientes* constituinte deste domínio, pode-se pensar que é o esquema que atende de forma mais elucidativa a esta categoria dos resultados apresentados. As pessoas deste esquema geralmente carecem de autocontrole (dar limite as emoções e impulsos) e autodisciplina (dificuldade para realizar tarefas) (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Na vida pessoal e profissional, possuem grande dificuldade em atingir objetivos de longo prazo, priorizando gratificações de curto prazo.

Entre os comportamentos típicos deste esquema, existem alguns que estão intimamente ligados a esta categoria dos resultados apresentados. Alguns destes comportamentos típicos, segundo Yong, Klosko e Weishaar (2008), são a falta de disposição de persistir em tarefas tediosas ou rotineiras, atrasos e irresponsabilidades habituais.

Segundo um estudo realizado por Pressi e Falcke (2016), a fim de verificar o poder preditivo das experiências na família de origem na ativação dos esquemas de cada um dos domínios, pode-se criar uma hipótese sobre a dinâmica familiar destes jovens que foram desligados por tais motivos. Segundo as autoras, participantes que tinham pais separados ou divorciados tiveram maior ativação em alguns domínios, entre eles, no domínio de limites prejudicados. Pode-se pensar que foram crianças poupadas das regras aplicadas a todas as outras pessoas por terem vivido uma experiência difícil (PRESSI; FALCKE, 2016). Pensando no contexto analisado, presume-se que os jovens desligados por estes motivos, podem pertencer a famílias de pais separados ou divorciados.

Entretanto, tendo em vista as limitações desta pesquisa, as pontuações colocadas nesta categoria são vistas apenas como hipóteses, sendo assim, necessário um estudo para elucidar o tema. Adicionalmente, outros fatores que não se fazem presentes como dados concretos neste estudo, também podem contribuir para a presença desses comportamentos, como o ambiente organizacional, por exemplo.

BAIXO DESEMPENHO

Jovens que tiveram em seus motivos de desligamento comportamentos do tipo baixo rendimento, que engloba a falta de responsabilidade, comprometimento, interesse e iniciativa, são jovens que apresentaram a falta de um comportamento desejado no ambiente de trabalho. São jovens que independente das advertências, prosseguiram com a ausência desses comportamentos, indicando uma incapacidade de romperem com o padrão comportamental estabelecido, podendo perpetuar o ciclo vicioso promovido pelos possíveis esquemas

desadaptativos. Nesse caso, é possível associar os esquemas do domínio de *Autonomia e Desempenho Prejudicado* como o esquema de *dependência/incompetência*, pois segundo Young, Klosko e Weishaar (2008, p.32):

Os pacientes com o esquema de *dependência/incompetência* sentem-se incapazes de dar conta das responsabilidades cotidianas sem ajuda substancial de terceiros. Por exemplo, sentem-se incapazes de gerenciar dinheiro, resolver problemas práticos, usar o discernimento, assumir novas tarefas ou tomar decisões acertadas. O esquema costuma apresentar-se como passividade ou impotência generalizadas.

Em uma pesquisa realizada pela Medeiros *et al.* (2019), com o objetivo de verificar a relação entre esquemas dos domínios de *Desconexão/rejeição* e *Autonomia e Desempenho Prejudicados*, com as dimensões clínicas da personalidade, foi realizado um estudo com uma amostra de 189 universitários não clínicos que responderam ao YSQ-S2 (Questionário de Esquemas de Young, formato breve), IDCP-2 (Inventário Dimensional Clínico da Personalidade 2), BAI (Inventário de Beck para a Ansiedade) e BDI (Inventário de Beck para Depressão). Verificou-se que indivíduos com as dimensões Dependência, Instabilidade de Humor e Evitação a Críticas são mais suscetíveis a apresentarem esquemas dos domínios *Desconexão/Rejeição* e *Autonomia e Desempenho Prejudicado*. Para os autores, os comportamentos de dependência estão associados ao esquema desadaptativo de dependência/incompetência, onde o indivíduo possui crenças de que não se é capaz de lidar com as responsabilidades do dia a dia com competência e independência (MEDEIROS *et al.*, 2019). Analisando os dados levantados, observa-se que um dos motivos descritos nos laudos e advertências é a falta de responsabilidade, que aqui foi incluída na categoria de baixo desempenho. Os jovens que apresentaram esse motivo para o desligamento, podem caracterizar indivíduos que possuem crenças de não ser capazes de lidar com as responsabilidades do dia a dia e assim serem recorrentes em um padrão de comportamento ou estilo de enfrentamento de *evitação*.

Quando os esquemas são ativados, são acionados altos níveis de afeto, acarretando emoções intensas como tristeza, culpa ou raiva. Essas emoções agem como consequências aversivas, condicionando na diminuição da probabilidade de serem despertadas novamente, pois a intensidade emocional pode ser dolorosa ao sujeito (CALLEGARO, 2005). Sendo assim a *evitação* é a forma como o jovem age para não vivenciar tais emoções que outrora foram despertadas a partir de um esquema. A *evitação comportamental*, segundo Callegaro (2005, n.p.), “é basicamente esquivar-se de situações ou circunstâncias reais que ativam esquemas

dolorosos”, por exemplo, um jovem trabalhador com um esquema de *dependência/incompetência* pode evitar situações que gerem responsabilidade ou requerem iniciativa, por possuírem crenças de não serem capazes de agirem com autonomia, permanecendo na dependência de seus supervisores. Os comportamentos de Baixo desempenhos (falta de interesse, comprometimento, responsabilidade e iniciativa), se configuram como resposta de enfrentamento diferentes para esquemas diferentes. Para o esquema de *dependência/incompetência*, por exemplo, a resposta comum é que indivíduos posterguem decisões, evitam agir de forma independente ou assumir responsabilidades adultas, configurando um estilo de enfrentamento de *evitação* para esse esquema. Já para o esquema de *padrões inflexíveis/postura crítica exagerada*, tais comportamentos se configuram como estilo de enfrentamento do tipo *hipercompensação*, pois os indivíduos descartam totalmente os altos padrões e vão em direção ao baixo desempenho (YOUNG, KLOSKO; WEISHAAR, 2019). Esses estilos de enfrentamento podem ser associados aos comportamentos registrados dos jovens desligados do programa de aprendizagem, podendo pressupor os esquemas de *dependência/incompetência* e *padrões inflexíveis/postura hipercrítica*.

INDISCIPLINA EM RELAÇÃO AS NORMAS E REGRAS DA EMPRESA

Nos dados fornecidos pela instituição qualificadora de jovem aprendiz, se tratando de indisciplina em relação as normas e regras da empresa, não continham exemplificações de quais comportamentos estão incluídos nessa categoria de motivo para o desligamento. É sabido que quando o jovem é aprovado no processo de seleção para uma vaga de aprendiz, é lhe passado, em formato de curso, todos os direitos e deveres de um jovem aprendiz. É orientado sobre as regras e normas tanto da instituição qualificadora, como da empresa, deixando o jovem ciente do que se é esperado de comportamentos adequados e o que não se espera de comportamentos inadequados. Sendo assim, é possível afirmar que quando o jovem age de forma contrária às regras e normas, caracteriza-se um comportamento disfuncional, podendo associá-los à esquemas desadaptativos.

Quando indivíduos possuem dificuldades com normas e regras, é presumível que possuem esquemas do domínio de *limites prejudicados*, pois segundo Young, Klosko e Weishaar (2008), as pessoas com esquemas neste domínio não desenvolveram limites internos suficientes para a autodisciplina e podem ter dificuldade de respeitar os direitos de outras pessoas, cooperar, manter compromissos ou cumprir objetivos para longo prazo, isso colabora com a falta de limites no cumprimento de regras, autodisciplina

e respeito aos direitos alheios (GHISIO; LUDTKE; SEIXAS, 2016). A gênese desses esquemas está associada às atitudes dos pais ou cuidadores que falham em estabelecer limites, regras e aceitam os comportamentos indisciplinados dos filhos que por sua vez passam a interpretar que tais condutas serão toleradas quando mais velhas, dificultando a compreensão da problemática desses comportamentos (LOPES; LEITE; PRADO, 2011). Sobre essa dificuldade em compreender que seus comportamentos são disfuncionais, Neto e Badaró (2019, p. 235) complementam que isso na adolescência pode “incluir conflitos com pares, dificuldade nas relações hierárquicas, e até mesmo na relação consigo mesmo”. Jovens aprendizes que possuem comportamentos recorrentes, possuem dificuldades em compreender que suas ações não são funcionais, e assim permanecem com a mesma prática, mesmo com diversas advertências, ao ponto de a única saída ser a demissão.

No domínio de *limites prejudicados*, estão incluídos os esquemas de *arrogância/grandiosidade* e *autocontrole/autodisciplina insuficiente* que é a crença de que é superior a outras pessoas e a dificuldade ou recusa de exercer autocontrole, respectivamente (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Para o motivo de desligamento que envolve indisciplina regras e normas da empresa, o esquema de *autocontrole/autodisciplina insuficiente* estão associados a partir do estilo de enfrentamento *resignação*, pois os padrões de comportamento estão relacionados tanto ao esquema como na forma de lidar com eles (NETO; BADARÓ, 2019), ou seja, os jovens com o esquema de autocontrole/autodisciplina insuficientes, agem confirmando o esquema, permanecendo sem disciplina e não respeitando as regras e normas.

Se tratando de comportamentos opostos como impulsividade, agressividade e desafio, como os presentes em indivíduos com *Transtorno Opositivo Desafiador* (TOD), Paula e Santos (2015), em um estudo de caso, também constataram o esquema de *autocontrole/autodisciplina prejudicado*, além dos esquemas de *abandono*, *desconfiança*, *isolamento social*, *vergonha e privação emocional*, do domínio de *desconexão/rejeição*.

Embora seja necessária uma pesquisa mais profunda, para confirmar os esquemas presentes nesses jovens, é possível indagar que estes, tinham seus esquemas desadaptativos ativados no ambiente de trabalho o que refletia em comportamentos inadequados do tipo indisciplina as regras e normas da empresa. Dos domínios de esquemas, o domínio de *limites prejudicados*, pode estar mais associado, principalmente o esquema de *autocontrole/autodisciplina prejudicados*.

FALTA DE ATENÇÃO E ORGANIZAÇÃO

O menor índice de desligamento refere-se a jovens desligados por falta de atenção e organização, representando 18% dos jovens desligados. Novamente, com base neste motivo (falta de atenção e organização), a discussão se volta para o domínio de *Limites Prejudicados*, principalmente por características pontuais nos esquemas deste domínio, que foram discutidas em partes nos tópicos anteriores.

Nesta categoria, pode-se notar uma conceituação nas características do esquema de autocontrole e autodisciplina insuficientes que vão de encontro com essas duas características. Um dos comportamentos mais comuns provenientes desse esquema são dificuldade em se concentrar e desorganização (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Além da discussão voltada para o domínio de *Limites Prejudicados*, pode-se pensar numa relação com o domínio de *Autonomia e desempenho prejudicados*, visto que na organização, uma das capacidades é a auto regulação do desempenho. E, como famílias desse domínio costumam ser superprotetoras, ou seja, podem organizar tudo para as crianças, a consequência pode ser demonstrada na incapacidade de auto organização. Um dos esquemas que mais se aproxima a esta categoria é o de *dependência/competência*, que seria uma crença de incapacidade de dar conta das responsabilidades cotidianas de forma independente, precisando de ajuda alheia (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

CONCLUSÃO

Este artigo teve o objetivo de explorar um tema ainda não desenvolvido na literatura científica sobre a relação de esquemas e jovens aprendizes, a partir da Terapia do Esquema. Confia-se que tal objetivo foi atingido, haja visto as limitações deste tipo de pesquisa. O que foi realizado representa um recorte referente a um momento das vidas de jovens aprendizes e não tem como objetivo fazer uma afirmação categórica sobre os resultados apresentados. Embora, tais limitações não invalidem as hipóteses apresentadas, mas abrem espaço para pesquisas de campo ainda não realizadas sobre a temática.

Por não existirem dados mais concretos, como um estudo sociodemográfico desses jovens, entrevistas semiestruturadas, aplicação do questionário de esquemas, etc., o objetivo do trabalho foi examinar apenas sob a ótica da Terapia do Esquema. Mas entende-se que alguns comportamentos inadequados podem ter várias origens, como o próprio ambiente organizacional (relação com gestores e colaboradores), fatores socioambientais, etc.

Como dito, uma das limitações encontradas foi a falta de estudos empíricos que pudesse amparar a discussão e interpretação dos resultados. Os estudos encontrados sobre esquemas em adolescentes representam uma minoria das pesquisas. Da mesma forma, os estudos sobre jovens aprendizes dizem respeito a percepção dos mesmos sobre o trabalho, mas não se verificou estudos sobre os motivos de desligamento ou de comportamentos inadequados ao ambiente de trabalho.

Pontua-se também que uma das limitações encontradas foi a falta de informações sobre o motivo de desligamento inseridas no laudo realizada pela instituição. Tratando-se de um laudo de desligamento, algumas informações sobre o motivo de desligamento poderiam ser mais abrangentes e singulares, ao contrário disso, as informações pareciam ser generalizantes.

Para sustentar as hipóteses aqui introduzidas, sugere-se um estudo de campo realizado com os jovens desligados e um grupo controle de jovens que não tiveram nenhuma advertência em seu período de empregabilidade. Sugere-se a aplicação de um questionário sociodemográfico e o questionário de esquemas de Young, possibilitando assim um comparativo com as variáveis de outro grupo. E também, dados concretos sobre os escores dos esquemas que seria possível afirmar quais os esquemas realmente são presentes nos jovens, correlacionando com informações do questionário sociodemográfico. Deste modo, encorajam-se estudos de campo que possam ampliar as discussões sobre o tema.

A partir dos dados levantados, compreende-se uma possibilidade de melhor atuação com os jovens em processo de acompanhamento, onde os comportamentos podem ser tratados a partir de uma análise das origens de tais atitudes, possibilitando maiores chances de minimizar ou anular os comportamentos inadequados. A partir da perspectiva da Terapia do Esquema, é possível garantir uma qualidade de vida desses jovens dentro do ambiente de trabalho, verificando que os comportamentos inadequados possuem origens individuais, que podem ser renacionalizadas e modificadas.

REFERÊNCIAS

AMAZARRAY, Mayte Raya et al. Aprendiz versus trabalhador: adolescentes em processo de aprendizagem. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.L.], v. 25, n. 3, p. 329-338, set. 2009.

ASMUS, Carmen Ildes Rodrigues Fróes, Raymundo et al. Atenção integral à saúde de adolescentes em situação de trabalho: lições aprendidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 10, n. 4, p. 953-960, dez. 2005.

BARBOSA, Arianne de Sá; TERROSO, Lauren Bulcão; ARGIMON, Irani Iracema de Lima. Epistemologia da terapia cognitivo-comportamental: casamento, amizade ou separação entre as teorias?. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo , v. 34, n. 86, p. 63-79, 2014 .

BRASIL (2005). **Decreto 5598/2005**. Brasília: Diário Oficial da União.

CALLEGARO, Marco Montarroyos. A neurobiologia da terapia do esquema e o processamento inconsciente. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 1, n. 1, p. 09-20, jun. 2005 .

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GHISIO, Marcia S., LUDTKE Lucas, SEIXAS Carlos E. Análise comparativa entre a Terapia Cognitivo-Comportamental e a Terapia do Esquema. **Rev. bras. psicoter.** 2016;18(3):17-31

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUILLAND, Romilda. **Jovem em situação de desemprego: habilidades sociais e bem-estar psicológico**. São Leopoldo: 2010.

LOPES, Renata Ferrarez Fernandes; LEITE, Donizete Tadeu; PRADO, Thayná Portilho do. Proposta psicoeducativa para crianças baseada na terapia de esquemas. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 7, n. 2, p. 46-60, dez. 2011 .

MEDEIROS, Natany de Souza Batista et al. Relação entre domínios de esquemas desconexão/rejeição e autonomia/desempenho prejudicados e dimensões clínicas de personalidade. **Psico**, v. 50, n. 1, p. e27899-e27899, 2019.

NETO, Aldo L., BADARÓ, Auxiliatrice C. As relações entre esquemas iniciais desadaptativos e padrões de comportamentos disfuncionais em crianças e adolescentes. **Caderno de Psicologia**, Juiz de Fora, v.1, n. 2, p. 222-245, ago./dez. 2019

PAULA, M. D. P.; SANTOS, L. A. Intervenção cognitiva em transtorno de oposição desafiante: um estudo de caso. **RGSN - Revista Gestão, Sustentabilidade e Negócios**, Porto Alegre, v.3, n.1, p. 84-98, jun. 2015.

PRESSI, Juliana; FALCKE, Denise. Influência da família de origem nos domínios de esquemas. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 12, n. 2, p. 73-82, dez. 2016 .

RANGÉ, Berdard. et al. **Psicoterapias cognitivos-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria**. Porto Alegre: Artmed, 2011

SINDICATO NACIONAL DOS AUDITORES FISCAIS DO TRABALHO . **Manual da Aprendizagem Profissional: o que é preciso para contratar o aprendiz**. Brasília: SINAIT, 2019.

SOUZA, Lauren Heineck de et al . Adaptação Brasileira do Questionário de Esquemas de Young - Versão Breve (YSQ-S3). **Aval. psicol.**, Campinas , v. 19, n. 4, p. 451-460, 2020.

WAINER, Ricardo et al. **Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em Psicoterapia**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

WAINER, Ricardo; PICCOLOTO, Neri Mauricio. (2008). Terapia cognitivo-comportamental nos transtornos de personalidade. In Cordioli, A. V. (Org.), **Psicoterapias: Abordagens atuais** (3. ed., pp. 367-381). Porto Alegre: Artmed.

YOUNG, Jeffrey E., KLOSKO, Janet S., WEISHAAR, Marjorie E. **Terapia do Esquema: Guia de Técnicas Cognitivo-Comportamentais Inovadoras**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

